

**Terreiro contemporâneo:
o negro pela perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil**

Denise dos Santos Rodrigues

Doutoranda em Sociologia – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-4140-9721>

E-mail: denise.rodrigues@usp.br

Resumo: O artigo investiga se os objetivos do Plano Museológico do Museu Afro Brasil são percebidos pelos visitantes, a fim de analisar a percepção desse frequentador sobre a participação da população negra na formação da cultura e da sociedade brasileira. O estudo utilizou pesquisa bibliográfica referente aos conceitos teóricos sobre os museus, a apropriação africana e afro-brasileira no espaço urbano, ao trazer autores como Renato Ortiz, Néstor García Canclini e Muniz Sodré, e pesquisa qualitativa por meio de grupo focal e observação participante durante a visita ao museu. A análise dos resultados apresenta a visão dos visitantes diante da experiência e conhecimentos adquiridos durante a visita. Os resultados da pesquisa evidenciam a importância da temática afro-brasileira e como ela pode ser apresentada em um museu, proporcionando reflexão e diálogo com o visitante.

Palavras-chave: Museu Afro Brasil; Cultura afro-brasileira; Perspectiva do visitante; Plano museológico.

Contemporary *Terreiro*: the black people from the visitor's perspective of the Afro Brazil Museum

165

Abstract: The article investigates whether the objectives of the Museological Plan of the Afro Brazil Museum are perceived by visitors, to analyze their perception of the participation of black people in the formation of Brazilian culture and society. The study used bibliographic research on theoretical concepts about museums, African and Afro-Brazilian appropriation in urban spaces, and authors such as Renato Ortiz, Néstor García Canclini, and Muniz Sodré, as well as qualitative research through focus groups and participant observation during museum visits. The analysis of the results presents the visitors' views on the experience and knowledge acquired during the visit. The research results highlight the importance of the Afro-Brazilian theme and how it can be presented in a museum, providing reflection and dialogue with visitors.

Keywords: Afro Brazil Museum; Afro-Brazilian culture; Visitors perspective, Museological plan.

Texto recebido em: 15/04/2023

Texto aprovado em: 10/05/2023

Introdução¹

A escravidão africana no Brasil iniciou-se em meados do séc. XVI, homens, mulheres e crianças foram trazidos de várias partes da África, onde atualmente estão localizados países como Senegal, Nigéria, Guiné, Camarões, Angola,

Moçambique, África do Sul, entre outros. Eram diversos povos e culturas diferentes ligados por um destino em comum: serem submetidos ao sistema escravista brasileiro. Até o final do século XIX, estima-se que aproximadamente 4,8 milhões de africanos tenham sido trazidos para o Brasil (MATTOS, 2011; O'MALLEY; BORUCKI, 2017). Para além dos trabalhos domésticos e braçais, os saberes, técnicas e conhecimentos desses africanos ajudaram a conformar a sociedade brasileira e contribuir ao que hoje entendemos como nossa cultura.

O Museu Afro Brasil Emanuel Araujo² (MAB), uma instituição cultural, nasce com essa proposta de regaste, preservação e valorização das contribuições dos africanos e afro-brasileiros no Brasil. O museu possui um acervo composto por mais de 8 mil peças e uma biblioteca com mais de 15 mil títulos, todos voltados a esse objetivo. O MAB busca apresentar a contribuição de anônimos e reconhecidos em suas exposições e acervos, mostrando o olhar do negro e sua perspectiva em diversos aspectos, passando pela escravidão, artes plásticas, esportes, direito, literatura, gastronomia, religiosidade, música, entre outros. Um dos objetivos do museu é mostrar como a presença do negro está intrínseca à cultura brasileira.

A contribuição africana para a formação da cultura brasileira foi e ainda é bastante significativa; algumas crenças e tradições trazidas da África se mantêm até os dias atuais (MATTOS, 2011), muitas incorporaram outros elementos, culturas e ganharam uma nova roupagem, mas mesmo assim sua essência negra se manteve. Algumas manifestações culturais, como a capoeira e o tambor de crioula, tornaram-se Patrimônios Culturais Imateriais do Brasil, reforçando a importância da diáspora africana para a cultura do país.

Para compreender a formação cultural do brasileiro a partir da contribuição da cultura negra, usamos os conceitos expostos por Canclini (1983; 2013) e, posteriormente, para trabalhar a apropriação negra nos espaços urbanos, foram utilizados os textos de Sodré (1988; 2005; 2012), além de bibliografia complementar ao tema, constituindo embasamento teórico para compreendermos a assimila o da cultura africana no Brasil.

A partir dessas considera es, o artigo identificar  se os objetivos propostos no Plano Museológico do Museu Afro Brasil estão sendo compreendidos pelos visitantes e se aquele acervo realmente consegue gerar no espectador uma reflexão sobre a condi o do negro no Brasil e a participa o negra na cultura brasileira, proporcionando um diálogo entre o museu e a experiência direta do visitante. Para

isso integrou-se à metodologia o grupo focal aplicado à pesquisa qualitativa, aliada à observação participante e à visita *in loco* ao Museu Afro Brasil.

O museu e o Afro Brasil

Atualmente há uma crescente discussão sobre as questões étnico-raciais, seja para (re) conhecê-las, apresentá-las ou estudá-las, mostrar que a luta de um povo está presente em diversos movimentos e coletivos, com o objetivo de colocar aquela cultura, outrora subjugada, em evidência, resgatar suas memórias e raízes, para não as deixar se apagarem nos anais da história. Esse resgate ocorre com diversos povos, como os indígenas e os negros, mas suas lutas vão além; apesar da grande diversidade de grupos étnicos existente no Brasil e de sua notável contribuição cultural, não é possível ignorar toda a carga histórica de desigualdades e discriminações sofridas e que, infelizmente, as minorias étnicas-raciais ainda sofrem na sociedade brasileira contemporânea.

O Museu Afro Brasil surge com essa proposta de preservação e também resgate da memória da importância da população negra na formação da cultura brasileira (CURCI, 2009; RODRIGUES, 2012). Contudo, antes de analisar as propostas e objetivos do MAB, é preciso entender o que é um museu, qual é a importância dessa instituição cultural para a sociedade e como suas ações se refletem nos dias de hoje.

Ao falar em preservação da memória, não se pode deixar de mencionar a importância dos museus, mas seria essa a única função dessas instituições? Espaços para guardar e preservar objetos e apresentar ao seu público supostos modos de vida de uma época? Faz-se necessário compreender o significado dessa instituição e mostrar como seus objetivos foram alterados no decorrer dos séculos.

Segundo Suano (1986), em sua origem a palavra museu deriva do termo grego “*mouseion*”, ou “casa das musas”, lugar voltado para o “repouso da mente” em que o homem podia dedicar-se às artes e às ciências; as obras ali expostas tinham como finalidade o agradecimento aos deuses e não a contemplação dos homens. No séc. II a.C., o Egito autorizou a Alexandria a formar o seu *mouseion*, este era composto além de obras de arte e estátuas, por instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, pedras e minérios etc. Além de possuir uma

biblioteca, anfiteatro, jardim botânico, zoológico e outros espaços de reflexão e estudo, bem similar aos usos que conhecemos atualmente.

A ideia de compilação de diversos temas foi reforçada com o passar dos séculos e os museus ganharam a conotação de “coleccionismo”. Na Europa, famílias de renome tinham em suas casas espaços reservados para expor suas coleções e objetos adquiridos em viagens, essas salas eram chamadas de “museus” ou “gabinetes de curiosidades”. Porém, muitas não tinham uma temática ou alguma organização pré-estabelecida e eram restritas somente a familiares e amigos dos proprietários (JULIÃO, 2006; SUANO, 1986).

Somente no séc. XVIII, com a Revolução Francesa, ocorre a transição de um museu contemplativo, voltado à exposição e ostentação das elites, para a acepção moderna de museu, mais próxima aquela que conhecemos hoje, voltado aos fins didático-pedagógicos e de preservação ao patrimônio de determinada nação (JULIÃO, 2006). A partir desse período que os museus foram abertos ao público, e como destaca Suano (1986), ainda com problemas, como salas com objetos estocados, mau atendimento aos visitantes e falta de informação.

Inicialmente, a intenção era instalar museus em todo o território francês com o de “instruir a nação, difundir o civismo e a história” (JULIÃO, 2006, p. 21). Notou-se que o museu era muito mais do que um ambiente para exibir riquezas e objetos guardados, mas sim um espaço de lazer, relaxamento e, também, aprendizado. São essas bases que determinam o fortalecimento e expansão dos museus pela Europa no século seguinte.

Como percebe-se os usos e usufrutos desse tipo de equipamento cultural foram se transformando com o passar do tempo até chegarmos aos dias de hoje. A conceituação atual de museu resgata pontos abordados anteriormente e acrescenta outros aspectos, dessa forma, para o Conselho Internacional de Museus (2022):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, e proporcionam experiências diversas de educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2022)

Já o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) apresenta o seguinte conceito, encontrado no Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009):

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Nota-se que apesar das diferenças entre as conceituações apresentadas pelos órgãos competentes, elas não são excludentes, mas complementares, e ambas apresentam a importância e o vasto campo em que essas instituições culturais estão inseridas. Apresentam em linhas gerais, o papel do museu que é, justamente, o de manter e preservar a história, seja por meio da contemplação, educação, estudo, pesquisa ou deleite/turismo, dessa forma essas instituições e seus acervos podem gerar uma reflexão sobre determinado assunto à sociedade. Assim sendo, para os fins deste artigo serão consideradas as duas conceituações.

Museu Afro Brasil

Segundo a Secretaria Municipal de Turismo de São Paulo, órgão oficial de turismo da cidade, São Paulo é considerada o maior polo cultural do país e da América Latina; são inúmeras as atividades culturais que ocorrem durante todo o ano, como exposições, palestras, fóruns, peças teatrais, espetáculos etc. Dentre tantas opções, surgem também os museus. O órgão ainda afirma que a cidade de São Paulo possui 110 museus das mais diversas temáticas e para todos os gostos, indo desde os mais tradicionais, como Pinacoteca do Estado, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e o Museu Paulista, até os mais interativos, como é o caso do Museu do Futebol, Museu da Língua Portuguesa, Catavento Cultural, entre outros. Com tamanha diversidade de museus um deles se destaca pela sua proposta e singularidade, o Museu Afro Brasil, objeto de estudo deste artigo.

Inaugurado em outubro de 2004, o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo é uma instituição pública, localizada no Parque do Ibirapuera, zona sul de São Paulo. Nascido a partir da iniciativa de Emanuel Araujo, diretor - curador do museu, que, além de apresentar a proposta à Prefeitura de São Paulo, ainda cedeu 1100 obras de sua coleção particular em regime de comodato, para a formação do acervo inicial da instituição. Desde sua inauguração, o MAB ocupa um espaço de 11 mil m² no

Pavilhão Pe. Manuel da Nóbrega, sendo esse espaço dividido entre a exposição do acervo, exposições temporárias, biblioteca, teatro, loja e área administrativa e operacional.

O acervo soma mais de 8 mil obras os objetos, documentos, gravuras, pinturas, esculturas e peças etnológicas, de autores nacionais e estrangeiros estão divididos em 06 (seis) núcleos: África: Diversidade e Permanência, Trabalho e Escravidão, A Religiosidade Afro-Brasileira, O Sagrado e o Profano, História e Memória e, por fim, Artes Plásticas: a Mão Afro-brasileira. Os núcleos trabalham de forma interligada, apresentando a participação dos africanos e afro-brasileiros na transversalidade dessa integração na sociedade brasileira, presentes em objetos produzidos desde o séc. XVIII até os dias atuais.



Fonte: Elaboração própria, 2023.

FIGURA 1
Parte do núcleo História e Memória do MAB

A Biblioteca Carolina Maria de Jesus possui 15 mil títulos e recebe aproximadamente 1.200 visitantes por ano, entre seu acervo há: livros, revistas, periódicos, teses, pôsteres e material multimídia, além de uma coleção especializada em escravidão, tráfico de escravizados, abolição da escravatura, da América Latina, Caribe e Estados Unidos. O nome do espaço é uma homenagem à escritora mineira homônima, cujo livro mais conhecido é “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960), que, por meio de relatos autobiográficos, nos apresenta à dura realidade de uma mulher negra, mãe solo, catadora de materiais recicláveis, semianalfabeta e moradora de uma favela na capital paulista. As reflexões e críticas de seu primeiro

livro já foram traduzidas para 13 idiomas. Os escritos de Carolina, ainda tão atuais, ganharam destaques nos últimos anos por integrar as listas de leituras obrigatórias para os vestibulares. A autora escreveu também outras obras, como “Casa de Alvenaria” (1961) e “Provérbios” (1963).

O Teatro Ruth de Souza recebeu esse nome em homenagem à atriz que teve importante papel na participação dos negros na dramaturgia brasileira. O teatro já recebeu grupos de dança, inúmeras apresentações nacionais e internacionais, além de promover encontros com artistas, intelectuais e políticos.

Desde 2009 toda a gestão do museu é realizada pela Associação Museu Afro Brasil (Organização Social de Cultura), vinculada à Secretaria de Estado da Cultura para a execução de políticas culturais, além de receber recursos do governo estadual para a realização de suas ações e atividades. Por meio da Associação foi desenvolvido o Plano Museológico do Museu Afro Brasil, documento oficial que apresenta todas as diretrizes e políticas do museu, desde seu histórico e criação até Programas de Comunicação e Segurança do Museu.

Por intermédio do Plano Museológico tem-se acesso a sua cultura organizacional, através do qual se tornam públicas as diretrizes que permeiam a existência da instituição. Neste artigo destacar-se-ão somente as mais relevantes para os objetivos propostos. Desse modo, a missão do Museu Afro Brasil é de: “promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional”.

Complementando a missão organizacional são apresentados os objetivos da instituição, como forma de reforçar a primeira e direcionar suas ações para alcançá-las, para a análise proposta desse artigo destaca-se: 1. Promover o reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença luso-afro-brasileira, indígena e africana. 2. Reconhecer a matriz afro-atlântica na identidade da cultura nacional. 3. Promover ações que fortaleçam a autoestima positiva da população negra. 4. Proporcionar às diversas instituições culturais do estado de São Paulo, por meio de exposições e ações de educação, o contato com a memória, a história e a arte nacional e internacional, tendo como referência a influência afro-brasileira na cultura do Estado e do país.

O Afro Brasil é classificado pelo IBRAM como histórico, antropológico e etnográfico, que são “coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas”, mas o próprio diretor-

curador do museu discordava dessa classificação. Emanuel Araujo considerava o museu muito além de uma classificação, representando a história “transversalmente”, ou seja, essa história se encontra e se reencontra, mostrando para seu espectador outros olhares sobre temas diversos e suas diferenças em relação ao Brasil e outros países do globo, em uma entrevista para o *portal* Revista História, Emanuel Araujo reforça seu pensamento: “[o Museu Afro Brasil] não é um museu de Antropologia, de Etnologia ou de Sociologia. Ele não é um museu acadêmico do ponto de vista restrito do estudo dessas manifestações. Ele é uma demonstração dessas questões todas, nos fazendo olhar para o passado e, possivelmente, antever o futuro.” O diretor-curador ainda diz que o MAB “surge na intenção de ser um espaço de arte e memória. Este é um museu muito brasileiro, independentemente de ser afro-brasileiro”.

Para Canclini (2013), o museu é uma forma de “teatralização do patrimônio”, uma forma de recriar uma origem. Todo o patrimônio exposto bem como trajetos de visitação, a forma de abordagem, o que será ou não apresentado passa por uma espécie de filtro, pois tudo isso é pré-selecionado por um grupo, de acordo com o olhar daqueles que realizam a exposição. Notamos pelo discurso de Emanuel Araujo que existe uma ideia intrincada pelo curador-diretor do MAB, que o museu seja primordialmente considerado brasileiro, antes mesmo de ser considerado afro-brasileiro, nota-se que o objetivo de mostrar a perspectiva afro e afro-brasileira para essa assimilação vem desde sua concepção inicial. Emanuel Araujo, ao negar a especificidade do museu, por um lado afasta-se de uma ideia mais conservadora da instituição, porém, as concepções de museu como “contemplação” e a teatralização do patrimônio também ocorrem no MAB, aproximando-o ao conceito atual utilizado pelo IBRAM e pelo ICOM.

As ideias apresentadas pelo diretor-curador são corroboradas pelo Plano Museológico do Museu Afro Brasil, o que reforça ainda a ideia de Canclini, apresentada anteriormente, e no próprio *site* do museu; são esses valores institucionais que serão a base da análise que faremos no presente artigo, na qual verificaremos se tais valores estão presentes nas perspectivas e percepções dos visitantes.

Conceitos e marcos teóricos

Ao falarmos de museus, principalmente de um museu afro-brasileiro, é preciso apresentar ao leitor alguns conceitos que embasaram o desenvolvimento do artigo e suas correlações.

Devido ao vasto campo das teorias e definições culturais existentes (NOGUEIRA, 2010; ORTIZ, 2006; SANTOS, 1989), torna-se imprescindível delimitar os conceitos de cultura aqui utilizados. Foram selecionadas duas definições que melhor se ajustam às análises futuras. O pesquisador argentino Néstor García Canclini compreende cultura como:

A produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólicas das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social (...). Todas as práticas dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (CANCLINI, 1983, p. 29)

Para Canclini, a cultura também exerce uma função transformadora, participativa e mutável. Complementando essa visão tem-se, também, o conceito de Muniz Sodré, que diz: “Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano. (SODRÉ, 2012, p. 10)

Sodré mostra a cultura como forma de desconstrução de uma “universalização”, de uma verdade imposta pelos sistemas hegemônicos, mostrando assim uma nova perspectiva, o real, das chamadas culturas de *Arkhé*, como veremos a seguir. Esses dois conceitos de cultura conseguem dialogar diretamente com a proposta do Museu Afro Brasil, que, além de expor em seu acervo a contribuição negra no país, mostra o seu poder transformador e a compreensão do negro como personagem participante da cultura brasileira, mostrando outro lado da história do nosso país.

No que se refere à contribuição de uma cultura à outra, Canclini (2013) nomeia de “hibridação” quando dois processos socioculturais, que existiam de forma individualizada, se agregaram, gerando assim, novas estruturas, objetos e práticas. Nem sempre esse processo ocorre de maneira planejada e ordenada, sendo necessário, muitas vezes, adaptar as culturas envolvidas para reinseri-las nessa “nova realidade”.

O processo de hibridação ocorre por diversos motivos, como por exemplo, devido às migrações. No caso do Brasil pode-se dizer que esse processo se deu

devido ao sistema escravista, os povos africanos escravizados tiveram que readaptar-se à nova realidade para manter algumas de suas crenças e costumes, em seu novo território.

Muniz Sodré compreende território como “o espaço afetado pela presença humana, portanto, um lugar da ação humana” (SODRÉ, 2005, p. 1). Para o autor, essa condição não é limitada somente no que diz respeito ao lugar físico, como, por exemplo, no caso da diáspora africana, mas também se estende à interação desses povos em sua nova condição (SODRÉ, 1988). Por exemplo, após a chegada ao Brasil e mesmo com os conflitos e sofrimentos gerados pela separação de suas nações de origem, eles aprenderam a conviver com outros povos, inclusive rivais, devido à empatia gerada por viverem a mesma condição, a de escravizados, assim, os africanos se uniram, tendo em vista preservar um bem maior, a sua unidade cultural.

A partir dessa ideia de território, passamos também para outro entendimento, o território do negro: o terreiro, Sodré o chama de “a forma social negro-brasileira por excelência” (SODRÉ, 1988), pois representa não só a relação litúrgico-religiosa, mas também se constitui como forma de representação da diversidade existencial e cultural, da ocupação do espaço “branco-europeu” pelos negros, sua cultura e como se deu essa influência na cultura brasileira.

A sabedoria de muitos povos africanos, seus ensinamentos e modos de vida foram trazidos ao Brasil, a transmissão e preservação da cultura africana deram-se por meio dos terreiros, do culto aos orixás, das danças, festas, da capoeira, entre outras manifestações. Foi a forma encontrada por esses povos escravizados, que haviam perdido o seu “território físico”, para se “reterritorializar” e se reorganizarem (SODRÉ, 1988).

Expandindo essa ideia de reterritorialização por meio do terreiro, para uma ação humana de manter vivos, ativos e participantes os ensinamentos de uma cultura, entramos no conceito de *Arkhé*, termo grego que remete à ancestralidade, ao simbólico e, também, à tradição, aquilo que transpassa através dos tempos sempre vinculado a um grupo. A *Arkhé* é a ancestralidade, não somente no que se refere ao passado, mas que também faz parte do presente e do futuro, sendo um conjunto de saberes que passa de uma geração para outra e que mesmo vinculado às tradições, pode adquirir novas roupagens, se transformar, sem perder o caráter simbólico.

A *Arkhé* negra está presente nos terreiros de candomblé, de umbanda, na capoeira, no turbante, nas músicas, no pertencimento da cultura africana que veio dos povos escravizados e, posteriormente, na cultura afro-brasileira e brasileira. A *Arkhé* é o que o núcleo de educação³ do MAB chama de “quem negro foi e quem negro é”, pode-se até completar “quem negro será”, a *Arkhé* não está relacionada à temporalidade, pelo contrário, é mostrar que aquilo que ocorreu no passado ainda influencia o presente e, possivelmente, influenciará o futuro.

A *Arkhé* negra também se vincula ao Axé. Santos (1979, p. 130) afirma que o axé “assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem axé, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital”. O axé é uma força transformadora/realizadora, e que está presente no negro, seria sua motivação, sua força vital, sua força de manter a ancestralidade (*Arkhé*), ou seja, não se pode desvincular um do outro, muito menos ambos do terreiro ou território e conseqüentemente da cultura, da cultura afro-brasileira.

E o museu? Chega-se, então, ao papel do Museu Afro Brasil, um espaço inicialmente de origem europeia (o museu, *mouseion*), um território negro, em que a ancestralidade está presente em todas as suas formas. O MAB se caracteriza, então, como um terreiro contemporâneo, lugar de ação do negro e de seus descendentes, vinculando à tradição, bem como interligando os laços do passado e do presente, além da possibilidade de engendrar reflexões, dos mais diversos gêneros, no visitante.

Metodologia

As perguntas que guiam o artigo são 1. *os objetivos propostos no Plano Museológico do Museu Afro Brasil são compreendidos pelos visitantes?* e 2. *o acervo consegue gerar no espectador uma reflexão sobre a condição da população negra no Brasil e da participação negra na cultura brasileira?* Desta forma, para realizar as análises propostas e obtenção dos resultados, além da fundamentação teórica necessária para a pesquisa do tema, integrou-se à metodologia o grupo focal aplicado à pesquisa qualitativa, aliada à observação participante e à visita *in loco* ao Museu Afro Brasil. Para melhor compreensão dos dados obtidos, é imprescindível explicar sobre a metodologia utilizada e como se deu todo esse processo.

O grupo focal é um grupo de discussão formado para dialogar sobre um tema específico, mediante motivações e direcionamentos realizados pelo pesquisador, objetivando a participação dos envolvidos ao expor suas ideias e percepções, permitindo uma maior interação e trocas entre o grupo, não há um consenso sobre a quantidade ideal de participantes. Abdal *et al.* (2016), destacam que o essencial é manter a interação entre o grupo e a pluralidade de ideias. Gui (2003, p. 140) ainda completa:

No grupo focal, não se busca o consenso e sim a pluralidade de ideias. Assim, a ênfase está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos oferecidos pelo pesquisador, que assume o papel de moderador. O principal interesse é que seja recriado, desse modo, um contexto ou ambiente social onde o indivíduo pode interagir com os demais, defendendo, revendo, ratificando suas próprias opiniões ou influenciando as opiniões dos demais. Essa abordagem possibilita também ao pesquisador aprofundar sua compreensão das respostas obtidas.

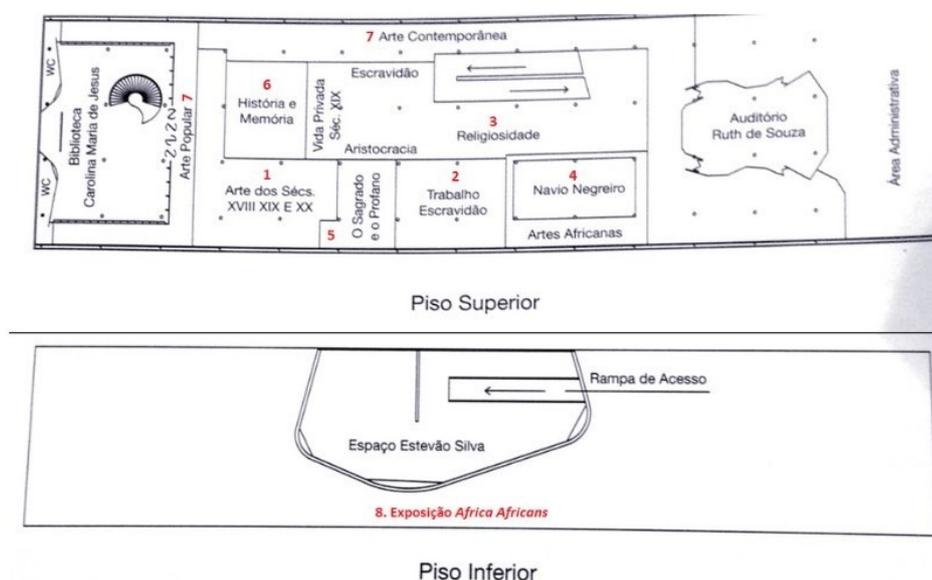
Dessa forma, no presente artigo, o papel da pesquisadora dentro do grupo focal foi de uma facilitadora, organizando o roteiro de perguntas, controlando o tempo de visita e, posteriormente, da discussão, interferindo o mínimo possível na discussão do grupo, mas, ao mesmo tempo, tomando as devidas precauções para que o debate não fugisse do tema proposto e incentivando para que houvesse a participação de todos.

A observação participante intersecciona com o grupo focal para o acompanhamento sistemático junto os interlocutores durante à visitação ao museu. A pesquisadora, inserida nessa dinâmica, registra falas, interações, expressões e gestos desses participantes, ao mesmo tempo, conversa informalmente com todos e apresenta suas próprias percepções durante o roteiro realizado (ABDAL *et al.*, 2016).

A princípio realizaram-se duas visitas ao Museu Afro Brasil para elaboração dos roteiros de visita e de perguntas, desenvolvidos para identificar a percepção do visitante ante o museu e a importância do negro para a cultura brasileira. O grupo focal e a visita ao acervo do MAB foram realizados em 23 de agosto de 2015. Foram convidadas 20 pessoas, das quais 18 compareceram, sendo composto um grupo misto, interétnico, com idades variadas entre 14 e 60 anos, com graus de escolaridades também variados, indo desde o nível de ensino médio até o mestrado, escolhidas de forma aleatória dentro do ciclo de convivência da pesquisadora. Dos

18 participantes, 12 nunca haviam visitado o museu e, dentre os outros 6, somente uma pessoa havia visitado o museu recentemente.

A visita ao acervo e à exposição temporária “Africa Africans” ocorreu das 10h00 às 12h30, e o roteiro de visita manteve-se muito próximo ao sugerido pelo Museu em seu *website*, ocorrendo na seguinte ordem: 1. África: Diversidade e Permanência, 2. Trabalho e Escravidão, 3. As Religiões Afro-Brasileiras, 4. sala do Navio Negreiro, 5. O Sagrado e o Profano, 6. História e Memória, 7. Artes Plásticas: a Mão Afro-Brasileira e, por fim, a exposição temporária 8. *Africa Africans*.



Fonte: Adaptado pela autora de Museu Afro Brasil, 2023.

FIGURA 2
Roteiro da visitação ao Museu Afro Brasil

Esse roteiro foi pensado para contemplar a origem, o início, a África desde os totens, máscaras, ritos e objetos, a diáspora dos povos africanos e a chegada ao Brasil, suas contribuições e resistência no período da escravidão, sua hibridação e o sincretismo no período pós-abolição da escravatura, passando por importantes personagens negras da história do Brasil, bem como pela arte afro-brasileira desde os tempos da Colônia até a atualidade, finalizando com uma exposição de arte africana contemporânea, para interligar todos os outros núcleos aos dias atuais.

A segunda etapa foi a discussão junto ao grupo sobre o que foi visto, e foi utilizado como base o roteiro de perguntas semiestruturadas. As perguntas foram elaboradas a partir da seleção de quatro objetivos do plano museológico, visando

uma abordagem alinhada com a pesquisa em questão, a saber: 1. Promover o reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença luso-afro-brasileira, indígena e africana; 2. Reconhecer a matriz afro-atlântica na identidade da cultura nacional. 3. Promover ações que fortaleçam a autoestima positiva da população negra. 4. Proporcionar às diversas instituições culturais do estado de São Paulo, por meio de exposições e ações de educação, o contato com a memória, a história e a arte nacional e internacional, tendo como referência a influência afro-brasileira na cultura do Estado e do país.

A discussão durou 1h45m e ocorreu no mesmo dia da visita, houve a participação de 16 pessoas, dois integrantes tiveram que se ausentar, mas nos enviaram suas contribuições por escrito. Na próxima seção serão analisadas algumas categorias que foram recorrentes e/ou receberam mais destaque durante o grupo focal: 1. MAB e a memória africana e afro-brasileira, 2. Núcleo de trabalho e escravidão pelos visitantes, 3. Museu Afro Brasil e a valorização do negro 4. Preconceito e representatividade na mídia, 5. Museu afro e seu espaço e 6. Expectativas e impressões.

MAB, a memória africana e afro-brasileira

No decorrer da visita, se utilizou da observação participante para interagir de maneira informal com os integrantes do grupo focal. Durante toda a visita, notou-se muito interesse em todos os núcleos do museu, mas houve uma maior interação nos núcleos Trabalho e Escravidão, com destaque para a sala Navio Negro, As Religiões Afro-brasileiras e História e Memória.

Os participantes mostraram-se curiosos, muitas vezes sensibilizados e emocionados, muito atentos às informações escritas nos painéis e aquelas passadas pela pesquisadora. Por meio de conversas informais durante o percurso alguns diziam-se “chocados e impressionados com essa nova perspectiva”, pois havia “coisas que não tinham notado antes”, o interesse dos participantes era demonstrado pelos questionamentos realizados e, para alguns, a necessidade de registrar por meio de fotografias os objetos de exposição.

No núcleo Trabalho e Escravidão, destaca-se a sala do Navio Negro, na qual, a pedido da pesquisadora todos entraram juntos. A empatia mostrada pelos

participantes devido à ambientalização do espaço, pouca luz, som do mar, cânticos afro-brasileiros, informações e relatos das condições durante a travessia dos africanos foi visível; esses elementos emocionaram a grande maioria do grupo, e muitos disseram sentir um ambiente mais “tenso e pesado”, “triste”, outros utilizaram expressões como “revolta”, “angústia” e disseram que ficavam “arrepiaados” pela temática da sala. A informação de que a maioria os objetos do acervo, principalmente os de tortura e castigo, são originais do período escravagista, gerou certa comoção, que posteriormente foi relatada durante a discussão.

Ao analisar de uma forma geral, constatou-se que mesmo aqueles que já haviam visitado o museu anteriormente, conseguiram captar novas mensagens através do acervo e todos se mostraram interessados pela temática do museu, interagindo de diversas formas com as obras.

Essa segunda etapa da análise, além de apresentar os resultados da discussão realizada com os integrantes do grupo focal, também é uma forma de sintetizar e interpretar aquilo que foi conversado durante o encontro, para que o leitor compreenda como ocorreu a discussão. Para tanto foi necessário filtrar muitos dos temas expostos, por isso foram selecionados os tópicos mais recorrentes ou aqueles que mais se aproximavam dos objetivos do artigo.

Como primeiro tópico, analisaremos a forma a qual o Museu Afro Brasil se utiliza de seu espaço para representar a memória africana, afro-brasileira e brasileira; vinculado ao objetivo do plano museológico de “promover o reconhecimento, valorização, preservação e difusão da arte, da história e da memória cultural brasileira, tendo como referência a presença luso-afro-brasileira, indígena e africana”, durante toda a discussão foram levantados aspectos dessas representações, como se pode notar na fala a seguir:

A visita ao museu proporcionou uma viagem ao tempo. Em certos momentos me senti na África selvagem, ao observar as máscaras e colares. Em outras oportunidades, minha mente remeteu-se ao duro passado da escravidão negra no Brasil colônia, com todos aqueles instrumentos de tortura e imagens da submissão do negro sendo tratado como mercadoria, um espaço muito propício para reflexão de nós enquanto brasileiros e nosso passado. A religião me trouxe informações na qual eu conhecia muito pouco, em relação aos orixás e crenças africanas, um aprendizado bem enriquecedor. (Jéssica, bibliotecária, 26 anos)

Em diversas ocasiões o grupo relatou surpresa ao se deparar com informações que não conhecia ou fatos nos quais não tinha dimensão da

participação da população negra, principalmente naquilo que ia além da temática da escravidão, como, por exemplo, nas revoltas ocorridas no Nordeste, a imprensa pós-abolição, personalidades afro-brasileiras e suas contribuições em diversas áreas.

Eu não tinha noção dos autores negros, né? Castro Alves (...) na época da escravidão (...) Como foi o movimento negro na imprensa e como foi o conflito que não poderia demonstrar o preconceito na própria imprensa, me chamou mais atenção nesse aspecto que também não é valorizado, né? No dia a dia a gente não presta atenção nessas coisas. (Letícia, administradora, 27 anos)

Letícia faz uma assimilação das informações obtidas através da exposição com os dias atuais, concluindo que ainda hoje não prestamos atenção no que foram esses movimentos e percebendo que eles não são valorizados. Já Nádia, arquiteta, 26 anos, ressalta a importância da função do museu em retratar a questão histórica do negro no Brasil e como é importante esse contato, como segue:

Eu acho que para a proposta do museu que é retratar a questão da história, da cultura afro no Brasil, é um dos lugares que você vai mais encontrar informação do que qualquer outro lugar são informações únicas que você só vai encontrar aqui. Tipo, de religião, de registro, de registro histórico. Você entrar numa sala que tem um navio negreiro, você ver aquilo ali é outra experiência. É outro contato que a gente não costuma ter.

Além do quesito histórico e de valorização, também foram abordados as funções e objetivos do museu como um espaço de conservação, estudo e memória pela fala de Simone, fotógrafa, 43 anos: “Eu acho que assim... além de toda questão histórica envolvida, todo museu é um acervo para a memória, para você guardar aquilo que não pode se perder que não pode ser esquecido, essa é a função primeira do museu”. As falas dos participantes trazem de forma muito presente a relação do museu como espaço de ressignificação de suas próprias origens e da identidade brasileira. Como identificado por Julião (2006) o museu tornou-se um verdadeiro “mosaico de memórias segmentas”. O resgate dessas memórias sociais pelo grupo trouxeram reflexões sobre seus próprios conhecimentos sobre a temática negra e o papel do museu como uma instituição com fins didáticos-pedagógicos.

Os participantes não só relacionaram a representatividade africana presente no museu, como também conseguiram correlacioná-la às atribuições de uma instituição museológica, apresentando reflexões não somente na questão histórica

de mazelas do povo negro, mas também de como tudo isso influenciou e influencia na formação da cultura brasileira, como veremos nos tópicos subsequentes.

Núcleo de trabalho e escravidão pelos visitantes

“Os itens de castigos aos escravos e o navio negreiro foram terríveis de ver. Imaginar seres humanos naquela situação é angustiante.” (Thalita, administradora, 25 anos).

Ao serem questionados sobre a parte do museu que mais os impressionou a resposta principal foi referente à parte da escravidão, objetos de castigo e o navio negreiro. Novamente houve comparação dos conhecimentos anteriores com as novas informações adquiridas durante a visita. Saber que a maioria do acervo é original e carrega em si uma história chocou a muitos, pela crueldade, pelas formas de castigos etc. O museu os fez imergir em uma história além dos livros, mostrando como os africanos eram trazidos e como eram tratados, apresentando uma perspectiva muito mais realista, trazendo sentimentos de revolta, angústia, emoção, indignação, perplexidade, além de um sentimento de “autoindulgência”, como diz Letícia:

Na verdade (...) eu acho assim, não tem uma história oficial, mas nós somos muito autoindulgentes (...) então existe uma questão de ‘eu sempre sou bonzinho’ e não desenvolvo espírito crítico. Então, não sei até que ponto existe uma culpa (...) Culpa que eu finjo não ter no discurso em tudo então quando vem ao museu e tal (...) O museu mostra uma outra perspectiva? No fundo eu sabia daquela perspectiva, mas eu sou autoindulgente, eu me acho bonzinho... eu não vou ver, entendeu? É uma hipocrisia, vai?! Quando a professora fala da escravidão tem um lado perverso nisso que no fundo você sabe, mas você não quer olhar.

Todos os presentes tinham conhecimento do período escravagista que ocorrera no país, porém, ao se depararem com todos os objetos e a proximidade com aquele sofrimento, sentiram uma empatia imediata. Em contrapartida, os elementos referentes aos trabalhos e as inovações em determinados ofícios realizados pelos escravos mostraram a eles a capacidade intelectual dos negros e suas contribuições para a época. Rosana, securitária, 49 anos, diz que:

A questão do museu para mim, ela serviu para me trazer uma admiração tremenda pela cultura, pela forma como eles trabalhavam, como eles faziam as coisas (...) é engraçado, porque a

gente se habituou a olhar o negro só para o escravo e o que eu vi no museu não foi isso. Eu não senti isso. Então, o que falta a gente fazer é justamente trazer à tona esse lado do negro que nunca é exaltado, que o negro era capaz, que o negro tinha inteligência, de que o negro podia fazer como ele [José Adão] falou, aperfeiçoar, criar, fazer tanta coisa que a gente não consegue enxergar no negro quando a gente ouve a história daquela época, que era o negro escravo que estava lá só para servir ao branco, não era assim (...) eles não eram isso e eu acho que isso o museu retratou muito bem.

Apesar de toda a carga reflexiva gerada pelos objetos de torturas, condições dos povos escravizados e da representação do navio negreiro, o grupo ainda levantou a questão do trabalho e das inovações criadas mesmo em condições adversas, exaltando, assim, as capacidades intelectuais, saberes e ofícios que pouco são mostrados ao retratar esse período da história do Brasil. Assim, esse tópico resgata o objetivo do MAB de “reconhecer a matriz afro-atlântica na identidade da cultura nacional”. Novamente há um diálogo com Julião (2006) o qual destaca a transformação da instituição museal para além de um passado dado e restrito, transpassando as barreiras do que é comumente contato e revelando outras narrativas. Ao passo que também vai ao encontro do conceito de cultura de Sodré, o museu como manifestação da forma de desconstruir verdades impostas por um grupo hegemônico e apresentar novas perspectivas; se não fosse por meio dessa abordagem do Museu Afro Brasil esses feitos da população negra permaneceriam no desconhecimento de grande parte do público, o que nos leva ao próximo tema.

Museu Afro Brasil e a valorização da população negra

Durante a discussão, uma das perguntas feitas aos entrevistados foi se eles acreditavam que o museu conseguia fortalecer a autoestima do negro brasileiro, como consta em um dos objetivos do plano museológico, e o assunto gerou vários levantamentos. Iann, universitário, 25 anos, disse que dependia da parte da exposição que era visitada e completa: “fortalece muito mais quando você entra na questão das crenças negras e das entidades históricas negras que fizeram alguma diferença ou que batalharam por isso, realmente ali fortalece”. Ele acredita que em contrapartida o museu mostra muito o sofrimento, as injustiças e o descaso durante e pós-escravidão e que isso “não contribui em nada para a autoestima de uma pessoa negra”.

Em outro momento, Leticia discordou da palavra “autoestima” utilizada na pergunta e todos concordaram que seria mais adequada a palavra “valorização”.

Reforçando o que foi falado, Jaciara, turismóloga, 33 anos, fez uma analogia entre a questão do museu e a apropriação do negro e sua cultura, dizendo que o museu proporciona a oportunidade de engajamento e representatividade da população negra; ela diz que:

Não é a representação da autoestima positiva é uma questão de entender a sua história e perceber a partir daí que você é representante de uma cultura que foi esquecida porque impuseram isso (...) que você esquecesse sua cultura e que você achasse que você era feio, que você (...) que sua aparência e que você representa para o mundo não é importante (...) foi apagado por outra pessoa que tem a cor clara. Então assim, a questão do museu representa uma questão de conhecimento e, sinceramente, de engajamento você olha aquilo e fala assim: 'não tem como eu não representar politicamente a minha cultura. porque isso aconteceu e eu preciso me apropriar disso'. É uma questão de apropriação mesmo (...) de cultura.

Dessa forma, nota-se que além da possibilidade de valorização da cultura africana e afro-brasileira, o museu propiciou um debate muito maior, ao representar personalidades negras, as contribuições em diversas áreas, as condições às quais os negros foram submetidos durante e pós-escravidão, a religiosidade, suas artes etc. Houve, por parte do grupo, a reflexão do papel atual do afro-brasileiro quanto à origem de sua identidade, seu poder de engajamento e apropriação através daquilo que foi presenciado, correlacionando o acervo aos dias atuais.

Esse tópico traz referência a Sodré (1988) e aos conceitos de território e *Arkhé* mencionados anteriormente. A ocupação desse terreiro contemporâneo é uma manifestação mutável, que se mantém viva e (re)existe por meio de uma nova abordagem, resgatando os saberes, histórias, personalidades e a cultura do povo negro. O museu se torna um território de reflexão e (re)conexão promovendo o sentimento de pertencimento tanto para a população brasileira em geral como para a afro-brasileira.

Preconceito e representatividade negra na mídia

Esse tópico foi mais recorrente em toda a discussão, conforme a mudança do tema em pauta, o grupo relacionava a experiência da visita com suas próprias percepções e vivência. Dessa forma, a questão do preconceito e da representatividade negra veio à tona.

Em diversos momentos a questão do preconceito e do racismo foi abordada, quase sempre relacionada como reflexos contemporâneos do período de escravidão no Brasil; o museu é retratado nesse contexto como uma ferramenta de informação e conhecimento, para ensinar sobre a cultura negra, para que o visitante possa se autoavaliar e se policiar para que práticas consideradas racistas não voltem a ocorrer, e para além disso, o museu é visto como uma forma de educação antirracista. Como é dito a seguir por Kimberli:

A gente não percebe (...) a gente sabe tão pouco sobre a cultura negra, sobre racismo que a gente pratica sem perceber, muitas vezes por isso que a gente tem que se educar, por isso que a gente tem que ter um espaço desse para aprender. O que é a cultura? Qual é o papel político de cada simbolozinho que existe? A palavra que a gente usa, de onde ela veio (...) é muito delicado isso.

Por outro lado, também foi apontado que seria viável e importante uma área maior no museu destinada ao racismo na atualidade, para que por meio de representações recentes fosse interligada essa questão ao passado já exposto no museu, trazendo uma discussão aberta sobre o tema.

Eu senti falta de um espaço maior para falar de racismo na atualidade. Eu acho que isso tem que ter. É bacana você ver o que foi historicamente, é bacana você ver a cultura, a religiosidade, é bacana você ver os grandes nomes que se destacaram de negros, o Pelé, enfim, mas acho que (também) é muito importante, acho que deveria ser no final do passeio, no final do museu, um espaço em que você visse o racismo na atualidade (...) tivesse essa discussão mais aberta mesmo, tipo ferida exposta mesmo. (Simone)

Durante esses apontamentos sobre o racismo, o preconceito e a representatividade negra na mídia também foram discutidos: “Nos próprios jornais não têm mulher negra, quando tem uma mulher negra é para apresentar a previsão do tempo, quando tem a mulher negra é bem anunciado que ali tem uma mulher negra, porque ela é diferente. (Janaína, gerente de operações, 29 anos)

Além da questão da falta de representantes negros na mídia, foi mencionado que, quando há mulheres negras, elas são estereotipadas como, por exemplo, representando “símbolos sexuais”, aquelas que possuem traços “afilados” são mais aceitas, numa tentativa de “embranquecer o negro”, ou ainda se dá um destaque excessivo à sua negritude. Jaciara ainda completa que “as mulheres negras com traços mais fortes não são consideradas ‘representação de beleza’”.

Esse tópico gerou comentários de como as crianças negras podem ser afetadas negativamente por meio dessas representações falaciosas: “a menina negra cresce vendo aquilo, ela é ensinada o tempo inteiro que a beleza dela não é o padrão que a beleza dela não tá de acordo com que é ser bonito. Isso, gente, isso é de uma crueldade sem tamanho”, diz Janaina. Embora o tópico não cite integralmente o Afro Brasil, mais uma vez a importância da representação de personalidades negras é reforçada, retomamos a questão da valorização discutida anteriormente e da transversalidade do museu. Neste sentido, é relevante resgatar as ideias de Canclini (2013) e Julião (2006) sobre a necessidade de repensar o papel do museu como um espaço de reflexão e debate, alinhado os objetivos propostos pela instituição, entrelaçando um assunto ao outro.

Museu Afro-Brasil e seu espaço

Esse tópico foi pensado em relação ao objetivo do museu em “proporcionar às diversas instituições culturais do estado de São Paulo, por meio de exposições e ações de educação, o contato com a memória, a história e a arte nacional e internacional, tendo como referência a influência afro-brasileira na cultura do Estado e do país”, ou seja, o espaço do museu e sua (des)centralização no território paulistano e brasileiro.

Ao serem questionados sobre possíveis barreiras para a visita ao Afro-Brasil houve uma análise desde o espaço que ele ocupa na zona sul de São Paulo, no Parque do Ibirapuera, até a possibilidade de criação de novos polos do museu em outras áreas da cidade, além da discussão sobre a ordenação do acervo e disposições de itens.

Durante essa discussão foi apontada a existência de uma “catraca invisível”⁴ que funciona como uma barreira à ida de moradores da periferia e/ou bairro mais afastados ao parque, devido às dificuldades de acesso por meio de transporte público e, também, devido à sua localização em um bairro considerado de classe média/alta da capital paulista.

Em determinado momento, o senhor José Adão disse acreditar que a ocupação do museu no Parque do Ibirapuera pode ser considerada pela chamada “burguesia paulistana” como uma “invasão de espaço”, logo em seguida Nádia completa “Ele aqui incomoda, lá na periferia ele não incomodaria, ele estaria no espaço que seria o ‘lugar dele’”. Para alguns integrantes do grupo, a localização do

museu é uma forma de os negros se mostrarem presentes e ocuparem os espaços outrora considerados “da elite”, esse discurso é reforçado pela fala de Simone:

Eu acho ótimo que ele [o museu] exista e que esteja aqui [no Parque do Ibirapuera] e que ele invada mesmo isso aqui. Por exemplo, é um espaço que tem que ser destinado à coletividade, a mistura, à troca e efetivamente às pessoas têm que perder essa coisa de ‘eu não vou porque não é o meu lugar. Porque eu não vou me sentir bem’ (...). O fato de o museu estar aqui mais contribui do que atrapalha... porque é um lugar que a gente tem que chegar, pode ser uma catraca invisível? Pode, mas não é nenhuma restrição, nenhuma barreira física. Então vamos, vamos lá. Acho que faz parte dessa luta, de você ocupar esses espaços que inicialmente eram destinados a uma elite (...) Beleza (...) é no centro da elite e tal? Vamos lá! Eu acho que é o caminho.

O Vagner, advogado, 29 anos, além de corroborar com a fala de Simone, traz a questão do museu e seu espaço como uma forma de resistência e combate aos problemas sociais e ao preconceito, mostrando que essa ocupação descentralizada seria uma importante forma de representar as mazelas sofridas pelo povo negro e suas consequências na atualidade para mais pessoas.

Apesar de muitos concordarem que a instituição poderia ocupar outros espaços, também foi abordado quão viável isso seria caso o museu fosse, por exemplo, para a periferia, como diz Janaína:

A gente não tem que tentar trazer a cultura do centro para a periferia, mas fazer com que os dois conversem (...) ‘vamos conhecer?’ e dali vai surgir alguma outra coisa (...) que a gente nem sabe como é e não deve esperar o que seja. Deixar acontecer naturalmente, espontaneamente, um encontro.

Outra participante, Jaciara, considera que o museu na periferia poderia se tornar “antiquado”, devido às grandes articulações já existentes nesses espaços, ela diz:

Em falar a respeito esse museu lá [na periferia] seria até uma coisa antiquada (...) porque a quantidade de cultura (...) de conhecimento a respeito da própria história (...) é tão forte já para eles a questão do que eles são e da identidade deles que não sei se esse museu ia representar tanta coisa assim (...) a parte da arte contemporânea com certeza, porque você vai conhecer mais artistas que são fora daqui, né? Mas o fato que está muito ligado a própria identidade (...) eu acho que é forte.

Dessa forma, temos defesas muito próximas, mas que em certos pontos divergem, é importante o Museu Afro estar no Ibirapuera, porém, sua descentralização teria de ser muito bem trabalhada para não ofuscar os movimentos que já existem na periferia, além da cautela por parte dos gestores para não comprometer a assimilação dos objetivos do museu quando fossem para outros territórios.

Outra abordagem sobre o espaço retratado pelos participantes foi a forma de organização do museu. Foram feitas algumas observações sobre a forma de distribuição do acervo, destacando a falta de uma linha cronológica, da ordenação aos itens expostos e da forma labiríntica do museu, como ressalta Ronaldo, engenheiro, 45 anos:

É interessante a exposição em si, mas eu acho que, assim, eu sinto falta de uma cronologia, de uma lógica na distribuição das obras, de repente você está numa coisa que é religiosa, mas daqui a pouco você está numa coisa de escravidão, de repente você vai uma outra coisa de cultura, de personalidade (...) Então, tá tudo muito misturado e talvez (...) seja até eu (...) eu sinto falta dessa coisa meio, sabe? Padrão, meio lógico. Então fica meio jogado, parece que quando você tá construindo uma ideia sobre determinada coisa você já corta para uma outra bruscamente.

Diante dessa problemática da ordem cronológica, foram abordados dois aspectos sobre o tema: de como estamos condicionados a essa ordenação, e de que seria importante desconstruir essa ideia, já que as temáticas presentes no museu se intercalam, pois ocorreu e ocorre de uma forma integrada. José Adão esclarece essa questão cronológica da seguinte forma “Muitas coisas que estão ali elas vêm e voltam (...) não é museu de coisas mortas têm coisas que já passaram, mas têm coisas que estão ainda acontecendo. Tentar fazer uma ordem para isso é (...) acho (...) meio difícil”. Jaciara, apesar de concordar que se sente perdida dentro do museu, já relaciona a sensação labiríntica como uma forma de se autodescobrir por meio da diversidade existente no espaço, ela pergunta “o que tem de você aqui dentro?” e completa: “[é] como se fosse um encontro com você mesmo”.

Podemos relacionar o que foi dito sobre a ordenação e a cronologia da instituição com o que Canclini (2013) disse sobre a “teatralização do patrimônio”, como também o museu e sua concepção inicial de “coleccionismo” (SUANO, 1986; JULIÃO, 2006): há muita informação dentro do Afro Brasil, de certo modo, ele se desvincula da ideia “tradicional” de representação museológica como questionado

pelos visitantes, que segue uma ordem cronológica, itens bem separados, lugares bem demarcados, muitas vezes isolados e que muitas vezes não se integram.

Podemos interpretar que a forma com a qual a museografia do Museu Afro Brasil trabalha se afasta dessa visão mais “conservadora”, “europeia” e, por que não, “colonial” de museu, para se aproximar e resgatar a ideia de colecionismo e da brasilidade através dessa complexa mistura, da miscigenação, também presente nos objetivos do Plano Museológico e, conseqüentemente, em seu acervo.

Expectativas e impressões

Chegamos ao último tópico dessa análise, sendo reservado para mostrar as expectativas e impressões dos participantes do grupo focal no que diz respeito ao museu e seu acervo e diretamente relacionado a missão do Museu Afro em “promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional”. Como dentro do grupo havia pessoas que já haviam visitado o museu e outras que tiveram seu primeiro contato naquele dia, é necessário analisá-los separadamente, pois houve enfoques diferentes.

O grupo que não havia visitado o museu anteriormente considerou uma visita muito satisfatória; como a grande maioria não tinha muito conhecimento da cultura africana e afro-brasileira, a visita ao acervo e a possibilidade de discussão sobre o tema geraram uma “experiência enriquecedora”, alguns reforçaram que ficaram emocionados, outras vezes impressionados e que, de um modo geral, viram no acervo uma forma de desconstrução de ideias preconcebidas, de alerta sobre preconceitos raciais que ocorrem no nosso cotidiano.

Os participantes que já conheciam o museu também consideraram a visita como uma experiência positiva; apesar de não haver muitas mudanças no acervo permanente, esse grupo disse ter descoberto objetos que não haviam visto, além de destacar que a reflexão sobre a temática também foi retomada. O que mais surpreendeu esse grupo foi a exposição temporária *Africa Africans*, pela presença da história africana nas obras contemporâneas, a sua expressividade e o nível de conhecimento artístico dos autores.

Ao final da discussão foi perguntando se os participantes retornariam ao museu e a resposta foi afirmativa e unânime; ainda foi dito que o Afro Brasil foi feito para se visitar mais de uma vez e que, na próxima visita, possivelmente, teriam

uma nova perspectiva do que foi visto. A opinião de Jéssica pode justificar o que foi falado no final “Gostei muito da visita, pela carga reflexiva que gera. Não estamos falando de um museu somente de apreciação de pinceladas, técnicas artísticas e requinte, e sim de história viva e na formação de uma nação”. Podemos dizer que essa atemporalidade do museu é o que o renova, juntamente com as próprias experiências do visitante, como diz Audrey:

Da primeira vez que eu vim eu perdi muito, quer dizer (...) eu li muito mais, tive mais tempo de passear no museu, mas você acaba perdendo algumas coisas que com uma maturidade diferente você absorve melhor e eu acho que é isso, você entender um pouco mais da cultura e ao mesmo tempo o legado, não é ‘houve isso’ mas tem consequências, tem sequelas a partir daquilo, você começa a pensar realmente o mundo a partir daquilo.

Janáina conseguiu assimilar a sua experiência pessoal através do museu de forma que:

Ali [no acervo] você enxerga que muitas vezes a gente não olha muito pra nossa identidade (...) embora a dor deles a gente nunca vai saber realmente como foi (...) tá na gente muita coisa: o Axé, da religião, o catolicismo (...) tem tanto a ver com que eu vi. Pelo menos para mim (...) enfim (...) eu acho que é um tapa na cara. Mas foi bom (...) foi gostoso tipo uma antropofagia, “me come”.

Por intermédio desses diálogos, podemos reforçar a ideia do Museu Afro Brasil como o terreiro contemporâneo: em meio a esse importante parque paulistano ocorre uma reterritorialização do negro como um espaço de resistência, luta e representatividade, que proporciona ao visitante olhar o passado, notar a assimilação da cultura negra na cultura brasileira e fazer uma reflexão sobre o que ocorre nos dias de hoje no que diz respeito ao papel do negro na sociedade. Como reforçado por Sodré (1988), é nessa forma de representação e ocupação de um espaço “branco-europeu”, o museu, que a diversidade existencial e cultural afro-brasileira é exaltada, reverenciada e enaltecida como parte conformadora da sociedade brasileira.

Considerações finais

Esse museu, para mim, é minha maior obra. É a obra que eu sempre desejei fazer. Esse é um legado que eu quero deixar, um legado importante para a cultura afro-brasileira, porque eu entendo que

aqui ficou depositado todo esse meu conceito de museu. Um conceito que inclui o passado, o presente e o futuro. Um museu que inclui arte, memória, história. E esse legado, por isso que eu digo, é o mais importante porque sai do meu trabalho individual de escultor ou de gravador e entra nessa obra que é de todos e foi feita para todos e, sobretudo, para a memória de todos nós, afrodescendentes. (ARAUJO, 2020)

Para melhor compreender a perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil por meio dos objetivos presentes no Plano Museológico da instituição, no decorrer do artigo passamos por um processo de imersão, iniciando pela concepção de museu e como seu significado foi se modificando com o passar dos anos; também foi apresentado o objeto de estudo, o Museu Afro Brasil e seus objetivos, o situamos dentro da contemporaneidade dos conceitos de *Arkhé*, Axé e terreiro de Sodré, além do conceito de cultura de Canclini, e culminamos na apresentação das análises dos resultados do grupo focal.

A visita ao MAB, juntamente com o grupo focal e o desenlace da discussão, foi muito enriquecedora, pois através da metodologia utilizada tivemos a possibilidade de presenciar o desenvolvimento de um discurso acerca do museu e sua representatividade, como também de abordar com mais profundidade a importância e contribuição da população negra na cultura e sociedade brasileira.

Pelo exposto até aqui, os objetivos que compõem o Plano Museológico do Museu Afro Brasil são plenamente compreendidos e assimilados pelos visitantes, gerando reflexão sobre a importância da população negra na formação da cultura brasileira. Durante toda a análise feita na seção anterior, os objetivos desse Plano eram reforçados pelas falas do grupo, gerando reflexões do cotidiano não somente referentes aos negros, mas também às posições dos próprios participantes em relação à temática.

Os resultados obtidos podem ser utilizados pela gestão do MAB para criar novas formas de abordagem aos temas citados pelo grupo focal, como é o caso do preconceito e racismo na atualidade, a descentralização do museu ou até mesmo sobre as melhorias no trajeto de visitação. A pesquisa também pode ser utilizada para incentivo e criação de novos museus e instituições com a temática afro-referenciada.

Para a academia, por meio desses resultados, abre-se um grande leque de possibilidades para pesquisas futuras, tanto para questionar os resultados obtidos, confrontando as observações levantadas durante o grupo focal com entrevistas com os gestores do museu, como também optando por outro enfoque de público como,

por exemplo, entrevistando somente visitantes africanos e afrodescendentes ou alunos que visitam o museu em excursão escolar. Desta maneira, pode-se verificar se a assimilação e as percepções seriam as mesmas ou se haveria muitas diferenças em relação ao que foi analisado neste artigo.

Ao apresentar em sua proposta os olhares dos africanos e afro-brasileiros suas contribuições e incorporações, o Museu Afro Brasil mostra sua força transformadora, seu Axé, que se fortalece e transpassa os tempos, na força da *Arkhé* negra, firmando-se como um terreiro contemporâneo da cultura brasileira

NOTAS

- ¹. O presente artigo é baseado no trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira. Agradeço ao Prof. Dennis e à Simone Adami pela revisão e comentários atentos.
- ². Em 2022, após o falecimento do idealizador, curador e diretor do museu Emanuel Araujo, o nome da instituição foi alterado em sua homenagem para “Museu Afro Brasil Emanuel Araujo”.
- ³. Trecho do áudio guia sobre o núcleo “História e Memória”, desenvolvido pelo Museu Afro Brasil.
- ⁴. Catraca invisível, em interpretação livre, é uma barreira inexistente que impossibilita o usufruto de determinado lugar, sem que realmente haja algum impedimento legal ou físico.

REFERÊNCIAS

ABDAL, Alexandre *et al.* *Métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo; CEBRAP, 2017. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf.

BRASIL. *Museus do Brasil*. Ministério da Cultura: Instituto brasileiro de Museus. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil/museus-do-brasil>.

CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Edusp, 2013.

CURSI, Vanessa. *Reflexões sobre as diferentes relações entre público e museus na cidade de São Paulo*. São Paulo, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de

Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

EMANOEL... *são tantos*. Direção: Pedro Paulo Mendes. Brasil: Museu Afro Brasil, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/nmKm33EeOGk>.

GUI, Roque Tadeu. Utilização do grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 3, n. 1, p. 135-159, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura; IPHAN; Departamento de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte, 2006.

MATTOS, Regiane Augusto. *História e cultura afro-brasileira*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MUSEU AFRO BRASIL. *Plano Museológico: Museu Afro Brasil*. 2016. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/docs-admin/plano-museol%C3%B3gico.pdf>.

NOGUEIRA, Silas. Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão. *Revista Extraprensa*, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74385>.

O'MALLEY, Gregory. BORUCKI, Alex. Padrões no tráfico intercolonial de escravos nas Américas antes do século XIX. *Tempo*, v. 23, n. 2, p. 314-338, 2017.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REVISTA DE HISTÓRIA. *Entrevista Emanuel Araujo*. Disponível em: <https://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/emanuel-araujo>.

RODRIGUES, Isabela Gatti Pereira. *O museu e a identidade brasileira: Museu Afro Brasil*. São Paulo, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, Juana Elbein. Résistance et cohésion de groupe. Perception idéologique de la religion négro-africaine au Brésil. Tradução de Janete Cecin e Neuza Gouçalves. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 47, p. 123-134, 1979. DOI: <https://doi.org/10.3406/assr.1979.2176>

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. São Paulo: Vozes, 1988.

SODRÉ, Muniz. *Por um conceito de minoria*, 2005. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Denise dos Santos Rodrigues é Doutoranda em Sociologia, Mestra em Turismo e Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Turismo e Hospitalidade pela Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS).

Como citar:

RODRIGUES, Denise dos Santos. Terreiro contemporâneo: o negro pela perspectiva do visitante do Museu Afro Brasil. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 165-193, jan./jun. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.